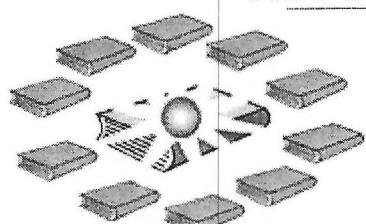




X SEMINÁRIO NACIONAL
DE BIBLIOTECAS
UNIVERSITÁRIAS

[Apresentação](#)
[Homenagem Especial](#)
[Organização do Congresso](#)
[Temas](#)
[Sessões Técnicas](#)
[Comunicados Técnicos](#)
[Painéis](#)
[Autores](#)
[Sobre os Anais](#)
[Ficha Catalográfica](#)
[Como Navegar](#)



Ficha Catalográfica

Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (10. : 1998 : Fortaleza)
Anais o X Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias /Universidade
Federal do Ceará; Universidade de Fortaleza; Associação de Bibliotecários do
Ceará. – Fortaleza: Tec Treina, 1998.

Conteúdo: Sessões técnicas. Comunicados técnicos. Painéis.

1.Bibliotecas Universitárias-Seminários. 2. Bibliotecas Virtuais. 3.Bibliotecas
Universitárias- Custo/Benefício - Avaliação. 4.Bibliotecas Universitárias-Capital
Humano. I. Universidade Federal do Ceará - UFC. II.Universidade de Fortaleza –
UNIFOR. III. Associação de Bibliotecários do Ceará – ABC. IV. Título.

CDD 027.706081
CDU 027.7(81)(063)

Acesso à informação x Acesso ao documento

Information access x Document access

C6970 **Teresinha das Graças Coletta**

Diretora do Serviço de Biblioteca da EESC-USP

Aluna de pós-graduação da Área de Engenharia de Produção da EESC-USP

Renato Vairo Belhot

Prof. da Área de Engenharia de Produção da EESC-USP

Resumo: A informação como suporte indispensável ao desenvolvimento do conhecimento.

Retrata-se a questão do acesso à informação e ao documento através dos tempos e em especial no Brasil, para a área de engenharia. A importância do investimento em tecnologias de informação como forma de viabilizar o ACESSO. Os benefícios propiciados ao ensino e à pesquisa e consequentemente à qualificação profissional.

Palavras-chave: informação - acesso, documento - acesso, ensino - melhoria, pesquisa - agilização

1. Considerações gerais

Quando se fala em acesso à informação está implícito o acesso ao documento? Existe uma grande diferença entre ambos, principalmente para os países em desenvolvimento e subdesenvolvidos. Mas por que preocupar-se tanto com isso se hoje, com a tecnologia da informação, tudo é possível? Como se sabe, informação é poder e o poder concentra-se nas mãos de poucos ou melhor "...a informação é um bem ao alcance de alguns (países e



indivíduos) que dominam os países menos desenvolvidos ou em desenvolvimento...” (Cunha, 1985, p.48).

Será que a situação é diferente em 1998, treze anos após a afirmação de Cunha? Será que isso era diferente na antigüidade? Quem não se lembra de Umberto Eco, em seu livro “O nome da Rosa” ou no filme do mesmo nome? É mostrada uma biblioteca monástica da Idade Média, onde os livros eram guardados com a falsa idéia de conservação entre suas gigantescas paredes e labirintos quando na verdade servia para manter o poder do conhecimento entre seus ilustres habitantes. Até mesmo entre eles havia a nítida disputa pelo conhecimento. E a figura do bibliotecário, intermediário entre a informação e o usuário? Quem é que se aventuraria a solicitar alguma informação àquela figura tão horrível? Era uma biblioteca fictícia mas baseada na realidade da época.

Voltando a Alexandria (Cavalcanti, 1996), a mais famosa biblioteca da antigüidade, agora sendo reerguida, vê-se que toda a informação guardada em seus pergaminhos e outros suportes disponíveis na época desapareceram, provavelmente queimados por razões também prováveis. A reconstrução, segundo a UNESCO (1997), tem como um dos objetivos disponibilizar uma “biblioteca pública universal moderna, para ser um centro de cultura, ciência e pesquisa acadêmica”.

Passou o tempo do papiro, do pergaminho, quando a divulgação dos livros era feita através de amigos, exercendo o papel de *intermediário* ou de *depositário* (Arns, 1993). Guttemberg criou a imprensa e o acesso à informação poderia ficar mais fácil. Afinal os documentos seriam impressos em grande quantidade para disponibilizá-los a todos os interessados. Infelizmente esse acesso continuou restrito aos detentores do poder pois o custo do livro (tipo de documento mais comum na época) e também as bibliotecas, com a missão de conservação do patrimônio, restringiam o acesso.

Com o aparecimento dos primeiros computadores, mais uma vez parecia estar resolvido o problema. As poderosas máquinas viabilizariam a reprodução rápida de muito mais documentos, o que facilitaria a sua distribuição. O computador, na verdade, era artigo de luxo para usufruto exclusivo dos mais poderosos.

No final dos anos 60 início da década de 70, nos EUA, surgiram as primeiras redes locais no âmbito acadêmico, coincidindo com o aparecimento dos microcomputadores. No início da década de 80, saiu do âmbito acadêmico e iniciou sua exploração comercial. Com isso, “trânsito” da informação ficou mais fácil (Cunha, 1994), mesmo assim àqueles que dispunham de recursos para adquirir a tecnologia necessária para trabalhar com a informação disponível. Em 1983 foi criada a Internet, o que agilizou sobremaneira o acesso à informação entre os países (mais uma vez) desenvolvidos. No Brasil, o acesso à informação estava restrito ao que o país adquiria em papel e às pesquisas desenvolvidas por poucos dos docentes/pesquisadores que tinham a oportunidade de estudar no exterior, o que era insuficiente para melhorar a condição de país subdesenvolvido. Em 1988, ou seja há apenas dez anos, algumas conexões com a Internet foram estabelecidas (FAPESP, em São Paulo e LCC e UFRJ, no Rio de Janeiro) via Bitnet. Em 1990 foi instituída a RNP - Rede Nacional de Pesquisa, o que viabilizou em 1992, o funcionamento da Internet no país, em algumas universidades, ONG's e órgãos governamentais (Laquey & Ryer, 1994).

Hoje, amplamente divulgada e teoricamente disponível a todos, mais uma vez verifica-se as barreiras para o acesso à informação. Para quem está na Universidade, é praticamente imperceptível essa restrição mas para a população em geral, a Internet é ainda um “ET”. Independente disso, existem as barreiras da língua além da “desorientação pela overdose de informação” (Cunha, 1994). O acesso à informação é assunto para debate por muito tempo. E o acesso ao documento? Se acessar a informação já é algo difícil, como fica a questão do

acesso ao documento, grande parte do qual já digitalizado? Mais uma vez a tecnologia da informação está a nosso favor ou melhor, a favor dos países mais desenvolvidos.

O acesso ao documento continua sendo problemático. Cada biblioteca possui um ou poucos exemplares de cada documento para atender parcialmente às necessidades da Instituição na qual está inserida. Como nenhuma biblioteca é auto-suficiente, é necessário que estas associem-se a redes e sistemas de informação para tentar suprir as necessidades informacionais de seus usuários.

É preciso investir “pesado” em novas tecnologias para poder “ligar-se” ao mundo da informação (e do documento) enquanto insumo básico para o conhecimento. Fala-se na literatura sobre os custos cada vez mais baixos das tecnologias da informação e seus suportes mas o que se vê, na prática, são os custos extremamente elevados para, por exemplo, substituição de assinaturas de periódicos em papel para acesso online e/ou em CD-ROM.

2. Acesso à informação em geral

Os problemas de acesso à informação continuam mesmo com a Internet disponibilizando todos os dias uma infinidade de informação. Mas que tipo de informação está disponível? Como está organizada a informação disponível? Hoje é tão difícil localizar uma informação na Internet como o era nos antigos (e atuais) catálogos manuais e estantes das bibliotecas. A busca é incessante e já está sendo desenvolvida desde 1994, a Internet 2 da qual o Brasil passou a fazer parte após um acordo com os EUA durante a visita do Presidente Bill Clinton no final de 1997. É uma rede de alto desempenho para acesso em tempo real onde a informação será previamente selecionada e disponibilizada de forma organizada (Internet 2).

Será que não haverá mais barreiras para o acesso à informação e ao documento? Ainda não é o momento para se acreditar nisso. As Universidades restringem o acesso por questões

financeiras, por falta de pessoal e equipamentos para atender a demanda, pela cultura da organização enfim, sempre há um empecilho.

Como lidar com a “overdose de informação”? Como selecionar tudo o que está disponível para atender as reais necessidades informacionais? Existe uma infinidade de *sites* que trazem informação de todo tipo. Desde comprar algum produto a reservar uma passagem aérea ou um hotel em qualquer lugar do mundo. Até mesmo encontrar alguém com as características ideais do homem ou da mulher perfeita.

São muitos os projetos em andamento para o desenvolvimento de bibliotecas digitais (Cunha, 1997), o que certamente contribuirá para melhorar o acesso à informação e ao documento no mundo, principalmente nos Estados Unidos.

Normalmente os acessos iniciam-se a partir das *webpage* das Instituições onde se trabalha ou estuda. A título de exemplo, na EESC pode-se começar pela página da Escola, pela área de Produção, Serviço de Biblioteca, pelas demais Unidades do Campus ou pela página geral da USP. Dá para ter idéia do volume de informação que se pode acessar? Em nível nacional, existe o IBICT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia que em 1977, criou o Centro-Piloto no Rio de Janeiro para acesso remoto a bases de dados estrangeiras (Lopes, 1985), a partir do qual foram avaliadas as bases existentes e firmados os primeiros contratos para acesso às informações bibliográficas internacionais.

Acessar a informação no Brasil hoje, para quem está ligado a uma Universidade ou a grandes empresas, está muito mais fácil do que há apenas cinco anos, quando nenhuma biblioteca brasileira dispunha ainda de redes locais em funcionamento. Mas o acesso ao documento foi viabilizado na mesma proporção?

Tem se buscado suprir as dificuldades de acesso ao documento de diferentes formas e uma implementada e funcionando desde o início da década de 80, é o COMUT - Programa de

Comutação Bibliográfica (Miranda, 1985) e também o EEB - Empréstimo entre Bibliotecas, entre outras iniciativas observadas na literatura (Sturlini et al., 1994). Infelizmente as tentativas de agilização de obtenção de documentos via meios eletrônicos têm provocado até mesmo diminuição da participação de Instituições, como é o caso do próprio COMUT que até o início de 1997, contava com a participação de mais de 1000 (mil) bibliotecas. Mas, com a criação do COMUT online (solicitação), apenas 610 sendo 175 bases e 435 solicitantes continuam no Programa (COMUT, 1998) pois as demais não dispõem dos recursos mínimos necessários, ou seja, um microcomputador ligado a Internet, o que mostra a dura realidade das bibliotecas universitárias brasileiras. Isso sem falar nas bibliotecas pública e escolar. Assim, fica clara a dificuldade de acesso ao documento, muito mais dramático do que o acesso à informação.

3. Acesso à informação especializada

Vários endereços estão disponíveis e em nível nacional começam a surgir as bibliotecas virtuais de temas específicos, desenvolvidas no âmbito do Prossiga (1996). Outros *sites* especializados ligados à empresas também estão disponíveis mas não são objeto deste estudo. Em função dos autores estarem ligados à área de engenharia, o trabalho pauta-se no acesso à informação especializada nesta área.

3.1. Acesso à informação em engenharia

Assim como em outras áreas do conhecimento, a engenharia também esteve e está preocupada com a questão do acesso à informação e ao documento. Uma iniciativa de grande vulto para a área, foi a instalação da BICENGE - Biblioteca Complementar de Engenharia (Hamar, 1977), que por razões diversas, foi desativada.

Mais recentemente, cita-se a importante iniciativa da UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas , que através de um convênio com a UNM - University of New Mexico, entre outras atividades, desenvolveu em 1994, um projeto piloto para troca eletrônica de documentos para a área de engenharia. No Brasil, o serviço foi denominado LIGDOC - Interligação entre bibliotecas para troca eletrônica de documentos. Um projeto que deu certo, outras bibliotecas também implantaram: USP (EP e EESC, 1996), PUCRS (1996), UFSC (1996). Em 1997 iniciou-se um processo de disseminação desse serviço e em 1998 várias bibliotecas iniciaram a disponibilização do mesmo, conhecido na Escola de Engenharia de São Carlos como o serviço 3S da Biblioteca: “Super rápido, Super econômico e Supera as expectativas”(Araújo, 1997).

Outra iniciativa para privilegiar o acesso à informação e ao documento em engenharia no Brasil, foi a criação da REBAE - Rede de Bibliotecas da Área de Engenharia (Santoro & Lenk, 1997). Para melhorar o acesso e divulgar a existência da mesma, foi elaborada uma *webpage* (<http://www.eesc.sc.usp.br/biblcent/rebae.html>) cujo lançamento se deu em out./97, durante o XXV COBENGE - Congresso Brasileiro de Ensino de Engenharia, realizado em Salvador - BA.

Verificando o objetivo geral da REBAE que é “elaborar acordos de cooperação e adotar normas comuns, visando melhorar a qualidade do atendimento aos usuários da área de engenharia e implementar o uso de novas tecnologias, para facilitar e agilizar o acesso à informação e ao documento, no país e no exterior”, percebe-se que a preocupação com o acesso à informação e ao documento estão no centro das atenções dos profissionais ligados à área.

Pautados neste objetivo maior, busca-se melhorar a qualidade do ensino, viabilizada pelo rápido acesso à informação e ao documento. O investimento em tecnologia da informação

para disponibilizar estes acessos, embora de alto custo, tem retorno garantido na qualidade do profissional colocado no mercado a cada ano.

4. Considerações finais

Uma coisa é certa. Não dá para não investir em novas tecnologias. As bibliotecas que não o fizerem, estarão marginalizadas e não conseguirão interagir com as demais. Assim, ficarão restritas ao seu próprio ambiente, insuficiente para o atendimento das necessidades informacionais de seus usuários.

O custo para aquisição de novas tecnologias é alto. Nesse sentido, a tecnologia para acesso online supera a do CD-ROM em função do custo para aquisição e manutenção das torres, mesmo observando a cada dia a diminuição do custo das mesmas. Como há no país ainda a deficiência de linhas telefônicas, e o acesso online muitas vezes é demorado.

Recomenda-se às instituições o uso das duas tecnologias para garantir o tão necessário acesso.

Somado a isso, a aquisição do acervo em novos suportes, a assinatura de convênios para acessos a bancos de dados internacionais e a imprescindível qualificação de pessoal para lidar com a nova realidade, requer um investimento nem sempre disponível às instituições.

Vê-se hoje a formação de grandes consórcios, a assinatura coletiva de acessos a exemplo da FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo, entre tantos outros já citados na literatura, como única forma de poder disponibilizar em tempo hábil, a informação e o documento.

Todas as iniciativas que se observa, têm como principal objetivo facilitar o acesso à informação e ao documento porque mais frustrante do que não ter acesso à informação, é saber que ela existe e não ter como obtê-la.

O que esperar do futuro? Acesso à informação e acesso ao documento serão simplesmente ACESSO, disponíveis a todos em qualquer parte do mundo? O acesso visto dessa forma, viabilizará o desenvolvimento igualitário dos países, possibilitando a melhoria do sistema educacional e favorecendo não só o ensino e a pesquisa mas sim o conhecimento no seu sentido mais amplo.

Referências Bibliográficas

- Araújo, Elenise Maria. LIGDOC: o serviço 3S da biblioteca. *Interativo EESC*, v.5, n.12, p. 12, dez. 1997.
- Arns, Paulo Evaristo (Dom). Intermediários e depositários. In: ----- *A técnica do livro segundo São Jerônimo*. Rio de Janeiro, Imago, 1993. p. 140-150.
- Cavalcanti, Cordelia Robalinho. *Da Alexandria do Egito à Alexandria do espaço*. Brasília, Thesaurus, 1996.
- COMUT - Programa de comutação bibliográfica. <http://www.ct.ibict.br:8000/comut/html/>, 1997 (12.06.98).
- Internet 2. <http://www.rnp.br/i2.html>, 1997 (13.06.98).
- Cunha, Maria Isabel Ferin. Informação e informações. *Ci.Inf.*, v.14, n.1, p.47-50, jan./jun. 1985.
- Cunha, Murilo Bastos. As tecnologias de informação e a integração das bibliotecas brasileiras. *Ci.Inf.*, v. 23, n.2, p.182-189, maio/ago. 1994.
- Cunha, Murilo Bastos. Biblioteca digital: bibliografia internacional anotada. *Ci.Inf.*, v.26, n.2, p.195-213, maio/ago. 1997.
- Hamar, Alfredo Américo. *Aperfeiçoamento das bibliotecas das instituições do ensino de engenharia no Brasil*. s.l., 1977 [datilografado].
- Laquey, Tracy; Ryer, Jeanne C. *O manual da internet*: um guia introdutório para acesso às redes globais. Rio de Janeiro, Ed. Campus, 1994. p. 1-10, 251-262.
- Lopes, Ilza Leite. Sistemas “online” de recuperação da informação. *Ci.Inf.*, v.14, n.1, p.55-60, jan./jun. 1985.

Miranda, Antonio. Perspectivas do programa de comutação bibliográfica - COMUT. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 4., Campinas, 1985. *Anais* ... Campinas, UNICAMP, 1985. p.39-57.

Prossiga - Informação e comunicação para a pesquisa. <http://www.prossiga.br>, 1996. (12.06.98).

Santoro, Maria Isabel; Lenk, Leila Maria. *Rede de bibliotecas da área de engenharia - REBAE*: relatório de atividades 1994/1996. Campinas, 1997.

Sturlini, Raquel Maria Giancoli et al. Intercâmbio biliográfico no Sistema Integrado de Bibliotecas da USP: propostas de implementação. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 8., Campinas, 1994. *Anais*... Campinas, UNICAMP, 1994. p.125-133.

UNESCO. The revival of the ancient Library of Alexandria.
<http://www.unesco.org/webworld/alex/alex/htm>, 1997 (12.06.98).